

N H D

Jairo Gerbase

O analisando fala, não é? Mas isto não garante o dizer. Porque a fala é obscurantista. Como o desenho. Ou o brinquedo. Sempre se diz um pouco além do que se quer dizer. Como o lapso o demonstra. Além de que o que se diz é escrita. O que se diz sempre soa um pouco diferente do que se quis dizer. Como o demonstra o equívoco homofônico.

O analista fatia, não é? O que ele diz é corte, sobretudo quando cala, porque implica em mal-entendido. O analista não fala. O que ele diz participa do equívoco ortográfico, como na poesia. O analista fatia ao ler o que o analisando quer dizer. Desde que ele mesmo saiba o que quer. Desde que ele saiba se quer o som ou o sentido.

Uma relação desta natureza é uma relação de comunicação? Pode-se afirmar que nela se transmite informação? Pode-se dizer que desta experiência é possível fazer uma elaboração?

A concepção da associação livre como comunicação do analisando e da interpretação como informação do analista se deixa orientar pela teoria da informação, teoria que não leva em conta o conceito de Outro da comunicação - que a define como a recepção da parte do emissor de sua própria mensagem em uma forma invertida. Primeira objeção.

Podemos lançar mão de uma segunda objeção, se recorrermos ao conceito russelliano de impossibilidade de fazer o todo, o um. É que, para ser merecedora deste nome, uma interpretação deveria visar um sentido, uma linguagem-objeto, deveria corresponder a uma metalinguagem.

Ainda é possível propor uma terceira objeção à idéia de que há comunicação e informação na análise, se levarmos em conta que todo aquele que fala é um analisando. Isso vale tanto para o dizer do analisando quanto para o dizer do analista. A melhor posição que lhe cabe, sendo a de semblante de semblante de dejetos, silêncio.

Por isso Lacan é levado a concluir que a comunicação na análise, não se dá pela via da interpretação, mas pela via da transferência, do sujeito suposto saber interpretar. Explico-me: os dois parceiros da análise não são dois corpos, nem duas pessoas, nem dois sujeitos. Diz-se que são um sujeito e um objeto, mas isso importa menos que o fato de que o conceito de sujeito suposto saber é uma ênfase ao saber. O conceito de sujeito suposto saber supõe a existência de um saber inconsciente capaz de interpretar o sentido gozado do sintoma. Logo se vê que os dois parceiros são o não-saber e o saber e que a paixão que faz laço é a ignorância.

Última objeção: tal como tentamos afirmar que não há comunicação na análise a não ser pela via da transferência e não há informação na análise a não ser enquanto interpretação do inconsciente, interpretação do sujeito suposto saber, gostaríamos de poder afirmar que não há elaboração na análise a não ser do não-saber.

A relação entre a psicanálise e a ciência bem se pode colocar em termos da elaboração do saber do real. Para a ciência, o saber avança, o que quer dizer que sabemos hoje o que outrora não sabíamos. Para a psicanálise o não-saber também progride. Hoje não sabemos coisas que ontem não sabíamos que não sabíamos.

A elaboração, a perlaboração do saber, visa o sentido. Mas como sabemos o sentido foge como no tonel das Danaides. A elaboração do sentido é um trabalho de Sísifo. É esse, aliás, o sentido do termo *Durcharbeitung*, do termo *working-through*, que Lacan propôs, não sem razão, traduzir por trabalho da transferência, a ser entendido como trabalho inútil, num vai-e-vem incessante. Isso coloca em evidência a inutilidade do sentido e por via de consequência a inutilidade da interpretação semântica.

Por outro lado, dizer que a elaboração visa o não-saber, significa dizer que ela visa o som, que pode ser entendido como o significante, mas que seria melhor entendermos como o gozo sentido. Isso coloca em evidência o que Mallarmé introduziu para a poesia com o termo de inutilidade sonora, a ser entendido como o som que não serve para nada, que não conduz ao sentido, que é sua finalidade maior.

Esta é uma condição da experiência subjetiva da análise, já que se trata de apreender a verdade como saber, o que resulta impossível de ser apreendido, porque

a verdade é que a relação sexual só existe enquanto incestuosa ou assassina e é imperioso nos livrarmos dela.